

treinadores, contrastando diversas vistas, representações e prospectivas. Esta aproximação é uma etapa fundamental na formação do treinador e no processo de certificação.

Palavras-Chave: Competências, Formação, Necessidades, Treinador, Dirigente, Futebol

CARACTERIZAÇÃO DO ATAQUE POR ZONA 2. EM FUNÇÃO DA ESPECIALIZAÇÃO FUNCIONAL DO ATACANTE NO VOLEIBOL FEMININO DE ELEVADO RENDIMENTO COMPETITIVO

João Pedro Silva & Isabel Mesquita

Faculdade de Desporto – Universidade do Porto

Com a evolução do jogo, particularmente durante a década de noventa, as equipas foram adaptando as características dos sistemas ofensivos com o intuito, primordial, de acelerar o jogo. Neste contexto, a zona 2 de ataque passou a ser mais solicitada, portadora de um ataque cada vez mais rápido. O objectivo do presente estudo consistiu em caracterizar o ataque na zona 2, no voleibol feminino de alto nível de rendimento competitivo em função da especialização funcional da atacante e das condições de ataque. A amostra constou de 213 sequências ofensivas, retiradas dos 6 jogos realizados na *Poule I* de apuramento para o campeonato da Europa de 2005 de Voleibol feminino escalão sénior B. As variáveis foram a *especialização funcional da atacante* (atacante oposito de zona 2, atacante central e restantes atacantes, categoria outros), o *Complexo de jogo* (*Side-Out* e *Transição*), o *local de distribuição* (Dentro da Zona 2/3 e Fora da Zona 2/3), o *tempo de ataque* (1º, 2º e 3º tempos) e a *eficácia do ataque* (Ponto, Continuidade e Erro). As diferentes variáveis foram analisadas de forma descritiva (percentagens e frequências) e comparativa. Para percebermos as interrelações entre as mesmas, utilizámos os testes do qui-quadrado (χ^2) em tabelas de contingência, e o V de Cramer, com um nível de significância de 5%. Nos casos em que se verificou, em mais de 20% das células, que o valor de n era inferior a 5, utilizou-se o teste de Monte Carlo. Para a fiabilidade intra-observador e inter-observador recorreu-se à fórmula utilizada por Bellack et al. (1966, apud. Van Der Mars, 1989). As percentagens de acordo variaram entre 92,7%, para o tempo de ataque e 100%, para a eficácia do ataque.

O presente estudo mostrou que os ataques por zona 2 são realizados prioritariamente pelo atacante *Oposito* (55,4%), seguido do atacante *Central* (27,2%) e, por fim, pelos *Outros* (17,4%). Por sua vez, o ataque por Zona 2 tem maior ocorrência no *Side-Out* (63,8%), sendo a Zona 2/3 o local mais utilizado para a distribuição (54,5%). O tempo de ataque mais solicitado é o 2º Tempo (77,5%) e o Ponto o efeito do ataque dominante (46,9%). A *especialização funcional do atacante* associou-se ao *complexo do jogo* ($\chi^2=7,491$; $p=0,02$; V de Cramer=0,188), uma vez que o *Central* realiza significativamente mais ataques por zona 2 no *Side-Out* e menos na *Transição* do que seria de esperar e ao *local da distribuição* ($\chi^2=9,094$; $p=0,01$; V de Cramer=0,207), dado que o atacante central efectua significativamente mais ataques com o passe *Dentro da Zona 2/3*, verificando-se o inverso com o atacante oposito de Zona 2. A *especialização funcional do atacante* mostrou ainda uma associação significativa com o *tempo de ataque* ($\chi^2=20,924$; $p<0,001$; V de Cramer=0,222), dado que o *Central* realiza significativamente mais ataques na Zona 2 de 2º

Tempo e menos de 3º Tempo, do que seria de esperar. Verificou-se uma relação de independência entre o *efeito do ataque* e a *especialização funcional do atacante* ($\chi^2=3,613$; $p=0,461$; V de Cramer=0,92). Estes resultados sugerem que, o *Central* quando solicitado na Zona 2, intervém principalmente no *complexo I* (75,9%) e obtém pouca ofensividade no ataque já que o efeito *Ponto* e *Continuidade* são semelhantes (39,7%).

Simultaneamente, a elevada percentagem de passes *Fora da Zona 2/3* (45,5%) e a solicitação relativamente elevada do 3º Tempo de ataque, na Zona 2, pelo *Oposito* (27,1%) indicia a presença de um jogo previsível, de fácil leitura para o adversário. Quando se referencia a análise à categoria *Outros* verifica-se que os restantes atacantes, que não o *Oposito* e o *central*, intervém na Zona 2 principalmente no *complexo I* (70,3%) com passes provenientes da Zona 2/3 (54,1%), obtendo o efeito de *Ponto* elevado (56,8%) e utilizando principalmente o 2º Tempo de ataque (73,0%). Em futuros estudos, será pertinente descriminar os jogadores incluídos na categoria *Outros*, assim como, estudar a análise sequencial das acções, bem como a sua interdependência, no sentido de se obter regularidades que permitam perspectivar a modelação do jogo, nas suas diferentes fases.

APLICAÇÃO DO MODELO DE COMPETÊNCIA NOS JOGOS DE INVAÇÃO AO ENSINO DO JOGO DE FUTEBOL EM CONTEXTO DE CLUBE

João do Nascimento Quina

Director e Coordenador Pedagógico da Escola Crescer

Professor Adjunto da Escola Superior de Educação de Bragança

A escola “CRESCER” é uma escola de formação em desporto, para crianças dos 6 aos 12 anos. Desenvolve, durante dez meses (de Setembro a Junho) uma actividade de formação regular que inclui: aulas/sessões de aprendizagem normais (três por semana); convívios desportivos com outras escolas de formação (um por mês); participação nos campeonatos distritais de escolas e infantis.

Objectivos de formação

- 1 — Contribuir para a formação global dos praticantes, através do confronto activo com situações de aprendizagem típicas do Futebol;
- 2 — Desenvolver nos praticantes a necessidade e o gosto pelo desporto, considerado essencialmente como um passatempo e um estilo de vida activo e salutar;
- 3 — Melhorar os níveis de compreensão e de participação dos atletas no jogo, através do desenvolvimento progressivo:
 - Da capacidade de seleccionar as melhores soluções para os problemas de jogo (tomada de decisão), tendo em conta os contextos de jogo;
 - Da capacidade de executar as soluções seleccionadas de forma eficaz;
 - Da capacidade de interagir com todos os membros da equipa (comunicar e cooperar).

Etapas de formação

O desenvolvimento da competência do jogador é um processo gradual que ocorre por fases. O faseamento por nós adoptado é o proposto por Garganta e Pinto (1994) e Garganta (2006) e apresentado, de forma sucinta, no quadro.

Escalões	Fases de formação	Objectivos gerais
Minis (5-6 anos)	Familiarização do jogador com a bola e com o jogo	Ataque: da posse da bola à finalização Defesa: da bola pretendida à bola capturada
Pré-escolas (7-8 anos)	Consciencialização dos alvos/ /oposição	Ataque: do equilíbrio jogo directo/jogo indirecto Defesa: da defesa da baliza à defesa do campo
Escolas (9-10 anos)	Consciencialização dos alvos/ /oposição (desenvolvimento)	Ataque: do equilíbrio jogo directo/jogo indirecto Defesa: da defesa da baliza à defesa do campo
Infantis (11-12 anos)	Desenvolvimento da oposição/ /cooperação	Ataque: do jogo a solo ao jogo combinado Defesa: da acção isolada à acção em bloco

Modelo de ensino

À luz das actuais teorias da aprendizagem, um modelo de ensino dos jogos desportivos colectivos “eficaz” deve reunir as seguintes quatro características:

- 1 — Elevar a formação táctica – isto é, a percepção, a análise e a tomada de decisão à categoria de objectivo prioritário;
- 2 — Promover as aprendizagens táctica, técnica, física e psicológica de forma integrada (mas com clara subordinação das aprendizagens técnica e física à táctica);
- 3 — Promover a participação consciente dos praticantes em todas os momentos/situações de aprendizagem (orientação para objectivos/princípios);
- 4 — Valorizar a satisfação, a alegria, o gozo e as motivações dos praticantes.

Pensamos ter encontrado o modelo que procurávamos no “modelo de ensino de competências nos jogos de invasão” (Musch e Mertens, 1991).

Em conformidade com este modelo, procuramos promover o desenvolvimento da competência dos praticantes através da combinação de três tipos de tarefas:

- 1) Formas básicas de jogo (minis – GR+3x3+GR; pré-escolas - GR+4x4+GR; escolas e infantis - GR+6x6+GR);
- 2) Formas parciais de jogo (tarefas do tipo I, II e III);
- 3) Tarefas baseadas no jogo (exercícios de aperfeiçoamento técnico).

Avaliação das aprendizagens

O controlo e a avaliação da competência dos atletas no jogo são feitos, em cada escalão, nas formas básicas de jogo correspondentes, através da aplicação de um instrumento adaptado do “Game Performance Assessment Instrument” (GPAI), desenvolvido por Oslin e col. (1998).

FONTES DE CONHECIMENTO E CONCEPÇÕES DE TREINO DOS TREINADORES EXPERTS EM BASQUETEBOL: ESTUDO DE CASO DE QUATRO TREINADORES PORTUGUESES

João Rocha & Amândio Graça

Faculdade de Desporto - Universidade do Porto

Este trabalho pretendeu contribuir para um melhor conhecimento das características do conhecimento de treinadores

expert da modalidade de Basquetebol, no que diz respeito às fontes de conhecimento, à evolução como treinador, às concepções de treino, à construção da equipa, ao planeamento e à direcção do treino e da competição, e ainda ao desenvolvimento da modalidade e à formação dos praticantes e dos treinadores. Para a realização do estudo foram seleccionados intencionalmente quatro treinadores de renome nacional, são eles: Alberto Babo, Jorge Araújo, Luís Magalhães e Mário Palma. São considerados experts, não só por possuírem um curso de treinadores e uma larga experiência de sucesso prolongado na área, como também fruírem de um comprometimento profissional e serem reconhecidos na comunidade desportiva. Os dados foram recolhidos a partir de um protocolo de entrevista semi-estruturada de resposta aberta. As entrevistas foram gravadas, transcritas integralmente e o texto daí resultante foi introduzido no programa de análise de dados qualitativos Nvivo 2 que facilitou a posterior codificação e análise do conteúdo.

Os treinadores experts (TEs), no início da carreira, tiveram a noção que não possuíam conhecimentos suficientes, estes foram adquiridos através de uma análise constante (observação sistemática da sua realidade, da realidade de outras equipas e das competições de outros países mais desenvolvidos) e delinearam estratégias para desenvolver os seus saberes. Os TEs assumem como sendo primordial para treinar ao alto nível a experiência como jogador e relevam especialmente a busca de formação e informação mais avançada, estágios e observação do treino de equipas de nível mais elevado, captação das ideias e dos exemplos e conselhos de treinadores de reconhecido sucesso, frequência de clínicos e acções de formação. Os TEs estão particularmente atentos a informação que possa ser relevante para qualificar a sua acção e perspectivar o sucesso desportivo. Os TEs apresentam distintas filosofias, fruto das suas diferentes experiências ao longo das carreiras, e no que se refere à filosofia do desempenho do treinador, são relevados distintos aspectos, no entanto destacamos a competência, a ética, a capacidade de comunicar os objectivos da equipa para os jogadores e o servir de exemplo. Os TEs referem preferir, no treino e no jogo, sistemas tácticos simples, valorizando a perfeição. Do mesmo modo, defendem que a comunicação, nos treinos e nos jogos, deve ser simples, concisa e oportuna. Relativamente aos métodos de trabalho utilizados, os TEs valorizam distintos aspectos como a qualidade, a intensidade, o carácter competitivo dos exercícios no treino, assim como a sua simplicidade, quer no seu planeamento, quer na sua execução.

Palavras-chave: basquetebol, conhecimento, treinador, expert, formação

CONFORMIDADE DA PERIODIZAÇÃO DO TREINO COM OS MODELOS DE JOGO. ESTUDO SOBRE AS PERCEPÇÕES DE TREINADORES DE FUTEBOL DE ALTO RENDIMENTO

Jorge Gomes¹, Júlio Garganta², António Rebelo² & Ricardo Ribeiro³

¹ Escola Secundária Marques de Castilho, Águeda; ² Faculdade de Desporto - Universidade do Porto; ³ Departamento de Motricidade Humana. Escola EB 2/3 Rebordosa

A periodização do treino é, reconhecidamente, um factor que influencia a qualidade do denominado Futebol de expressão superior. Paradoxalmente, no treino de alto rendimento nem